012

PROJETO MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO DF.
-ENTREVISTADO: Renée Simas
-ENTREVISTADORES: Wanda Cozetti e Vera Catalão
-DATA: 07/11/89

INÍCIO:

Gravando entrevista com Renée Simas, 07/12/89.

Eu sou a Prof.ª Wanda Cozetti Marinho, da secretaria de Educação, estamos fazendo essa gravação com a Prof.ª Renée G. Simas, em função do projeto: Memória da Educação Brasiliense do DF, que estamos iniciando agora.

PERG.: Prof.ª Renée, nós temos aqui alguns dados seus sobre parentesco, que já nos adiantou alguma coisa. Eu queria ver agora com você o seguinte: Quando você veio para Brasília, em 1960, o que motivou sua vinda para cá?

RESP.: Olha, a motivação principal, foi o fato de ser uma cidade nova e de que estaria completamente em aberto, o ensino, para a experimentação. E foi feito da seguinte maneira: Foi feito uma seleção a nível nacional. Então, foi divulgado pelo MEC com um concurso para professores para trabalhar em Brasília, em todo o território, que seriam escolhidos de cada região e esses grupos formados estariam dentro de uma proposta nova de ensino. Para a parte, eu sou de nível médio, professora de segundo ciclo; mas para a parte ini -

segundo ano científico... (PERG.: Naqueles moldes de aplicação do Rio, não é? Na Lagoa?) ...é! Na Escola de Aplica-

Era o que eles chamavam de cultura geral. Então, abran - gia: Conhecimento geral e conhecimento de educação em particular; não especificamente de cada matéria. E uma entrevista; e quem passava nessa seleção, era submetido a uma entrevista com um psicólogo. Aí esse psicólogo dizia se o candidato tinha; quer dizer, era um somatório; se o candidato demonstrava condições... (ENTREV.- Equilíbrio, comunicação...) para vir, se deslocar para uma cidade diferente e nas condições que Brasília apresentava. E antes da gente começar, que começou no dia 16 de Maio, nós tivemos" que vir a Brasília fazer um estágio para conhecer a cida-

feridas, porque o outro era professor e que por circuns -

PERG.: MAS, PARECE QUE TODOS ERAM CONCURSADOS?

RESP.: E quem não era concursado, acabou fazendo depois, compreende? Ou sendo aproveitado depois nas campanhas que foram feitas posteriormente, porque essa coisa não foi uma progressão assim, normal. De repente foi uma coisa acelerada, porque você tinha um número de alunos e de uma hora para outra, o mesmo grupo tinha que atender um número dez vezes maior de alunos.

PERG.: ESSE ESTÁGIO QUE VOCÊ FEZ AQUI, VOCÊ SE LEMBRA QUEM DIRIGIA?

RESP.: Olha, era a comissão educacional que era do MEC. A comissão que selecionou, era uma comissão do próprio MEC. O chefe, o coordenador maior era o Armando Hildebrand Debrant, que era o coordenador do sistema, pelo menos, para o nível médio. E o nível primário, isso aconteceu ao mesmo tempo no nível primário; quer dizer, mau você tinha tempo de tomar conhecimento do seu. O meu, em particular, esse meu estágio, foi muito talvez diferente de todos os outros dos 60 por -

foi uma viajem normal, a gente tentando conhecer os que estavam chegando, porque todos eram desconhecidos um dos outros; pelo menos, a equipe que estava vindo do Rio, porque aqui é que a gente encontrou um com outros vindos de outro lugar. E quando chegou na terça-feira de manhã, nós chegamos num domingo assim, à tarde e na terça de manhã

eu senti que a bolsa d'água tinha rompido. E aí eu chamei' uma das professoras, porque nós estávamos num alojamento ' da Caixa Econômica, chamei à que estava mais próxima e falei com ela: Olha, tem um posto de saúde... e isso eu sabia que tinha, porque eu tinha amigos médicos que já tinham vindo para Brasília e já tinham avisado; tem um posto de saúde na W3, que a gente estava mais ou menos ali; como a cidade não tinha ainda todo o traçado , tudo ' era meio atrás de um monte, daquele morrinho ali e era ali que tinha (RISOS). Aí, eu perguntei a ela, se ela não podia ir comigo, porque a gente tinha uma programação do ' dia assim, complicada. Eu falei: Eu não posso arriscar , não é?

PERG.: TINHA CONDUÇÃO À DISPOSIÇÃO?

RESP.: Tinha um ônibus que levava a gente para os lugares. Mas ' nisso; isso era perto, dava para ir a pé. E era muito cedo ainda, não tinha ninguém acordado. Aí ela falou: Não, claro que eu vou contigo! A Dayse Collet. Aí a Dayse foi comigo. Chegamos lá, era um posto de saúde do IAPI, porque era dividido, não era unificado ainda; então: IAPI, IAPTEC , IPASE, eram todos divididos; e esse era do IAPI. E o médico lá estava dormindo e eu pedi para chamar, porque, expli

PERG.: E OS MÉDICOS, BONS? ATENDIMENTO BOM?

RESP.: Fabulosos, uma equipe fantástica.

PERG.: ESSES TIPOS DE SOLIDARIEDADE QUE VOCÊ SENTIU.

RESP.: Era demais. Isso Brasília realmente ela perdeu e se des-

[redacted]

cê não podia imaginar você está na rua e alguém não te le-

a gente está vendo agora com as eleições diretas, não é ? Agora, a escola, agora vamos ver o que que era essa escola, o que que eles propuseram e o que que realmente aconteceu. Quer dizer, as equipes se formavam, eram pessoas que não se conheciam e dentro do que estava estabelecido era isso. Claro que existia a lei de diretrizes bases; quer dizer , existia uma lei, sempre houve... (ENTREV.: INAUDÍVEL) ...a lei do ensino; não! as leis de ensino, sempre existiam. Então, a gente já tinha...

PERG.: VOCÊ É CAPAZ DE NOS FAZER UM HISTÓRICO DESSAS LEIS? VOCÊ QUANDO VEIO PARA CÁ EM 60 ESTAVA INAUDÍVEL DE EDUCAÇÃO, QUE NÃO AINDA A OUTRA LEI DE DIRETRIZES E BASES, ERA A PRIMEIRA LEI; E A OUTRA VEIO EM 62, NÃO FOI, OU TRÊS?

RESP.: Era a primeira lei. Foi depois.

PERG.: A PRIMEIRA LEI DE DIRETRIZES E BASES FOI EM 60, A SEGUNDA FOI EM 1971.

RESP.: É, 71. Essa segunda modificação, é que introduz o ensino profissionalizante, que é o desastre que acabou com toda a experiência anterior. Mas nós tínhamos assim... Então , nós tínhamos, quer dizer, você tinha a lei maior, quer dizer, o espírito do Anysio Teixeira levando ao ensino primário; a idéia da Escola Parque, é uma idéia que ele trouxe da Bahia, que na Bahia já existia a experiência da Escola Parque. Então, o que aconteceu em Brasília...

PERG.: SÓ VOLTANDO PARA NÃO PERDER INAUDÍVEL ; VOCÊ FOI ALUNO DO ANYSIO DE QUE DISCIPLINA?

RESP.: Administração escolar. Ela era professor de Administração Escolar na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade de Brasília. E para o ensino médio, então não havia; sim ! Quer dizer, havia, a matéria inclusive, chamava: Desenho. A matéria no curriculum chamava-se: Desenho. Mas como nós não tínhamos aquela obrigatoriedade; não era obrigatoriedade. A obrigatoriedade tinha, não tinha rigidez. Eu, como eu falei para vocês, tinha essa dúvida se faria Belas Artes ou arquitetura, eu colecionava na época, uma revista "Módulo" que era uma revista de arquitetura. E nessa coleção da Módulo, havia saído um plano, um projeto de plano

para a cadeira de desenho do Lúcio Costa, que nunca tinha sido aplicado. Eu tinha conhecimento por ter a coleção da revista. Então, quando nós chegamos para a equipe de desenho, não havia nada amarrado. Então, eu trouxe o meu projetinho, que era esse projeto do Lúcio Costa e que tinha haver com a cidade; era interessante, porque tinha haver com a cidade; quer dizer, era um mesmo urbanista com a mesma coisa, não é? E propus aquilo como uma idéia inicial, não no sentido de que a gente usasse na íntegra, se apropriasse na íntegra do projeto dele, mas propus à equipe que aquilo fosse o roteiro inicial; e foi aceito. Então, o primeiro trabalho que nós fizemos do ensino de desenho, era a proposta em cima do próprio Lúcio Costa. Foi essa a nossa primeira diretriz. (ENTREV.: PARA PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU?) - Era! Para primeiro e segundo grau; eu tenho o projeto que nós fizemos em cima dele. A revista eu tinha deixado no arquivo do Elefante Branco quando eu fui chefe de departamento. E nem todas as coisas de 64 eu consegui recuperar. Algumas foram recuperadas e as outras desapareceram. Então, foi em cima disso que nós trabalhamos. E ele já dava uma idéia, era o que eu tinha, que o desenho, além do desenho (O TELEFONE TOCA) - (ENTREV.: RETOMANDO PODE CONTINUAR) - Então, esse planejamento, então, era nessa idéia de que além do desenho e ele dava, sugeria isso, que essa parte que hoje é tanta ênfase na parte da expressão, da criatividade, que era uma coisa que ainda não havia sido assim, dentro da sala mesmo; claro que deveriam existir experiências isoladas, mas você não toma conhecimento. E ele proporcionava justamente isso, que ao mesmo em que você dava aquelas coisas que eram obrigatórias do programa mínimo, você tinha a possibilidade de já ir fazendo com que isso fosse pela parte expressiva e criativa. Quer dizer, só um exemplo assim, mínimo de como, por exemplo, eu comecei na primeira série, com aquelas noções que eram do programa mínimo, que era o problema da reta, da linha, dos polígnos; então, começava por aí. Então, de que maneira a gente pensou que faria isso? Então, nós começamos, por exemplo, eu peguei as primeiras séries, então a gente

já começava pela idéia da própria Brasília. Ora, se Brasília era uma cidade planejada, existia um caminho. E se existia um caminho, então, que caminho era esse? E que tipo de linha era essa que essa criança fazia, que trajeto ele fazia? E quando ele chegava ele representava? Então, dependendo de como ele representava, ele já tinha a noção da linha e da linha contínua, da linha quebrada, porque quando ele fazia uma curva e isso dava para você sentir, porque já tinha esse bambolê, que é um círculo, você entende? Então, por aí. A idéia do retângulo, ou do quadrado, ou a própria sala de aula era o retângulo. Então, ele se representava e se localizava, não é? E na medida em que ele se localizava na sala de aula, no seu quadradinho que era a carteira, ele já ia tendo, quer dizer... (ENTREV.: NOÇÕES DE DIREITA E ESQUERDA, PARA CIMA E PARA BAIXO?) - ...as noções espaciais e dentro da... você estava respeitando perfeitamente o programa mínimo, ele estava tendo a idéia, ele estava registrando. E, por exemplo, eu nunca comecei eles com instrumentos. Então, eles faziam tudo direto, à mão livre como a gente falava. E com isso, ele ia criando o seu traço. Então, essa Brasília registrada por essa criança, esse trajeto, era muito expressivo... (O TELEFONE TOCA)

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA I, COM A ENTREVISTA DA PROF.ª RENÉE SIMAS.

.BSB / 03.02.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.